



f

A.N.A

AMA

Para A.N.A AMA

Ninguém sabe e nunca se saberá o porquê. A resposta jamais foi a solução. Ninguém ouviu, nunca ninguém escutou. Morre-se assim. Talvez se morra sempre assim.

A culpa reside em todos nós. Não nos queremos desta forma, mas quem poderá atirar a primeira pedra de consciência limpa? Sempre recorremos a almas que, de tão mais puras, aceitaram pelo sacrifício lavar as nossas.

No entanto, de nada nos vale escondermos atrás de incontáveis mártires aquilo que de abominável contemos dentro. Existem percursos irreversíveis e marcas indeléveis.

Deixemos os porquês... A surdez dos outros nunca servirá como desculpa para o silêncio. Vozes houve que nunca conheceram cansaço.

Jorge Lancinha
Junho 1999





Para Adolfo Primus

1.

A partir da sua morte, a Vida teve o direito de mudar. E tem-no sempre na mesma hora, no mesmo local, nos mesmos mistérios. Sempre que os sonhos se resguardam e/ou sempre que as emoções se ofereçam.

2.

A necessidade de alcançar a perfeição presenteia-se em tudo o que nos rodeia. Simples e/ou complexo? Tanto faz, porque vencerá sempre (aos olhos dos impróprios) a melhor das mentiras.

3.

Adolfo Primus é próprio. A sua matéria funde-se com a consciência das pedras e o seu valor é do mesmo sabor do princípio dos tempos. A sua natureza está acima da verdade ou da mentira. Agora permanece eternamente grato à sinceridade das emoções.

José Baptista Marques
Junho 1999

Adolfo Prímus

W

